

O ANTIJESUITISMO NO SÉCULO XVIII: UMA ANÁLISE DO VERBETE JÉSUITE DA ENCYCLOPÉDIE ILUMINISTA

ANTI-JESUITISM IN THE EIGHTEENTH CENTURY: AN ANALYSIS OF THE JÉSUITE ENTRY IN THE
ENCYCLOPÉDIE OF THE ENLIGHTENMENT

César de Alencar Arnaut de Toledo

Doutor em Educação pela UNICAMP. Docente do Programa de Pós-Graduação em Educação da UEM.

Vanessa Campos Mariano Ruckstadter

Doutoranda em Educação Programa de Pós-Graduação em Educação da UEM.

Programa de Pós-Graduação em Educação
Universidade Estadual de Maringá (UEM)
Maringá – PR - Brasil

Endereços

Rua Saldanha Marinho 870, Apto. 301
Zona 07 – Maringá – PR
CEP: 87030-070

Rua Ernesto Volpato, 109
Jardim Paris – Maringá - PR
CEP: 87083-410

E-mails

caatoledo@uem.br
vanessaruck@bol.com.br

Artigo recebido em 05/05/2011

Aprovado em 13/05/2011

RESUMO

Este texto apresenta uma discussão acerca do sentimento antijesuítico presente no pensamento Iluminista, a partir da análise do verbete *jésuite* da *Enciclopédia*, organizada e dirigida por Denis Diderot (1713-1784) e Jean Le Rond d'Alembert (1717-1783). Nesse verbete, verifica-se a personificação de ardis, falsidades e mentiras na figura dos membros da Companhia de Jesus. Os pensadores iluministas foram representantes das ideias que no final do século seriam o sustentáculo para a revolução burguesa na França. A Ilustração, entre outras ideias, defendia a laicização do Estado e de todas as suas instituições. Nascida na França, essa corrente foi rapidamente e amplamente difundida por toda a Europa. No tocante à educação formal, o ataque mais direto foi à Companhia de Jesus, Ordem que mais dirigia colégios na Europa naquele momento e que, por essa razão, ainda exercia forte influência na formação dos quadros da elite europeia, além de ter ampla atuação nas colônias ibéricas. Tão logo foi fundada em 1539 e aprovada pela bula papal *Regimini Militantis Ecclesiae*, de 1540, a Companhia de Jesus se destacou por sua empreitada educacional. Nesse sentido, o ensino oferecido pelos jesuítas, bem como seu método de ensino, foi amplamente atacado pelos iluministas, dando início a uma vertente designada de *antijesuitismo*. Essa vertente pode ser definida como os sentimentos, os conceitos e os escritos abertamente contrários à Companhia de Jesus. Teve início com os pregadores protestantes alemães no século XVI, perpassando o lançamento em 1614 da *Monita Secreta*, do polonês Hieronim Zahorowski, e reforçada no século XVIII, quando a Companhia de Jesus foi expulsa do Reino Português (1759) e extinta pelo papado em 1773. Foi nesse século que houve na Europa alterações acaloradas, tanto no meio intelectual quanto político, sobre a atuação dos padres jesuítas. Os ataques se intensificaram no século XIX, capitaneados pelos revolucionários (ou simpatizantes da Revolução) após a

Restauração da monarquia na França e pelos positivistas. Ecos do antijesuitismo de extração positivista podem ser encontrados na maior parte dos manuais de história da educação e também na historiografia brasileira. Ao analisar o verbete da enciclopédia, serão consideradas determinações mais amplas, uma vez que a disputa entre esses dois projetos pedagógicos – iluminista e jesuítico - representa a luta pelo domínio na forma de pensar a sociedade, a economia, a política e a cultura nesse século.

PALAVRAS-CHAVE: Antijesuitismo. Século VIII. Iluminismo.

ABSTRACT

This paper presents a discussion of anti-Jesuit feeling in Enlightenment thought, based on an analysis of the Encyclopedia entry for *jésuite* (Jesuit), organized and directed by Denis Diderot (1713-1784) and Jean Le Rond d'Alembert (1717-1783). In this entry there is the personification of snares, falsehoods and lies in the figure of the members of the Society of Jesus. The Enlightenment thinkers were representatives of the ideas that at the end of the Century, would become the mainstay for the bourgeois revolution in France. The Enlightenment, among other ideas, defended the secularization of the State and all its institutions. Born in France, this movement was quickly and widely disseminated throughout Europe. In relation to formal education, the most direct attack was against the Society of Jesus, the Order that had the highest number of colleges in Europe at that time and therefore, still exerted a strong influence on the training of the European elite, as well as having widespread influence in the Iberian colonies. As soon as it was founded in 1539, and approved by the papal bull *Regimini Militantis Ecclesiae* from 1540, the Society of Jesus was noted for its educational endeavors. Thus, the education offered by the Jesuits, and their teaching method, was widely attacked by the Enlightenment, leading to a movement known as anti-Jesuitism. This movement can be defined as feelings, concepts and writings that were openly opposed to the Society of Jesuits. It began with the German Protestant preachers in the sixteenth century, spanning the launch in 1614, of the Secret Monita by the Polish Hieronim Zahorowski, and reinforced in the eighteenth century, when the Jesuits were expelled from the Portuguese Kingdom (1759) and abolished by the papacy in 1773. It was a century when heated altercations were taking place in Europe, both in intellectual and political circles, regarding the activities of the Jesuit priests. The attacks intensified in the nineteenth century, led by revolutionaries (or sympathizers of the Revolution) following the restoration of monarchy in France, and the positivists. Echoes of positivist anti-Jesuitism can be found in most history books of education, and also in Brazilian historiography. When analyzing the Encyclopedia entry, broader determinations will be considered, since the dispute between these two educational projects - Jesuit and Enlightenment - represents the struggle for dominance in society's form of thinking, economy, politics and culture in this century.

KEY WORDS: Anti-Jesuitism. 18th Century. Enlightenment.

Este texto apresenta uma discussão acerca do sentimento antijesuítico presente no pensamento Iluminista a partir da análise do verbete *jésuite* da *Encyclopédie*, organizada e dirigida por Denis Diderot (1713-1784) e Jean Le Rond d'Alembert (1717-1783). Para tanto, o texto iniciará com uma discussão sobre o sentimento antijesuítico, na sequência, fará uma breve apresentação da obra em questão e, por fim, a análise do verbete *jesuíta*.

Esta discussão faz parte da pesquisa desenvolvida no programa de Pós-Graduação em Educação, linha História e Historiografia da Educação da Universidade Estadual de Maringá, e, como tal, trata-se de um estudo preliminar sobre a temática. Não temos aqui o intuito de esgotar o tema, tampouco de aprofundar a discussão, sobretudo no que se refere ao Iluminismo.

Dedicar este artigo a essa análise se faz necessário, uma vez que a imagem negativa da atuação jesuítica na educação no Brasil foi e ainda é amplamente divulgada por alguns manuais de história da educação brasileira, especialmente aqueles publicados nos anos de 1970 e que tinham como proposta fazer uma revisão crítica da História da Educação Brasileira. Assim, verificar a construção do sentimento antijesuítico é também analisar uma disputa entre dois projetos pedagógicos – iluminista

e jesuítico –, que representou a luta pelo domínio na forma de pensar a sociedade, a economia, a política e a cultura nos séculos XVIII e com traços presentes no século XX e ainda no século XXI.

A Companhia de Jesus, desde a sua fundação, foi uma Ordem religiosa polêmica. Recrutou muitos simpatizantes, mas na mesma proporção, conquistou repulsa dentro da própria Igreja Católica. Foi perseguida no interior da Igreja Católica desde a sua fundação, especialmente pelo tribunal da Santa Inquisição:

Em 08 de janeiro de 1537, chegaram (os primeiros companheiros) a Veneza, onde Inácio já esperava por eles há pouco mais de um ano. Ele havia passado seu tempo lá estudando teologia privadamente, enfrentando um outro desencontro com a Inquisição e uma primeira desavença fatal com o Cardeal Giampietro Carafa (o futuro Papa Paulo IV) (...). (O'MALLEY, 2004, p. 58).

Além da Inquisição, outras ordens no interior da Igreja Católica também contribuíram para essa construção negativa relativa à imagem dos membros da Companhia de Jesus:

Mais interessante na perscrutação das origens do antijesuítismo é a observação do seu controverso nascimento no seio da própria Igreja. A crítica aos jesuítas vai constituir uma corrente de opinião que nasceu nos meios eclesiásticos, ora da parte da Inquisição, ora da parte das outras ordens religiosas mais antigas, com especial destaque para os Dominicanos e Franciscanos, ora ainda da parte da burocracia eclesiástica romana e do seu clero secular, este último incomodado com as críticas austeras da pregação e do exemplo de vida do grupo de Inácio de Loyola. (FRANCO, 2006, p. 305).

Esta não foi, entretanto, a primeira vez que essa perseguição interna aconteceu a uma ordem. Na Baixa Idade Média, as novidades trazidas pelas ordens mendicantes de São Francisco e São Domingos também foram alvos da crítica da Igreja.

Se não se pode tomar o antijesuítismo como o primeiro caso de crítica interna na instituição católica, “o que é realmente novo no movimento de contestação aos Jesuítas é a sua expressão, dimensão e persistência, que acabou por erguer um verdadeiro mito negativo em torno destes religiosos à escala mundial” (FRANCO, 2006, p. 305). Assim, o mito dos jesuítas é universal, o que significa que se encontra presente em todos os lugares onde a Companhia de Jesus atuou.

A construção do sentimento antijesuítico teve início ainda nos primeiros anos da Companhia de Jesus, quando seu fundador Inácio de Loyola (1491-1556) ainda era vivo. As acusações eram as mais diversas, uma vez que “os jesuítas tinham inimigos de sobra dispostos a retratá-los como assassinos de reis, envenenadores ou praticantes de magia negra” (WRIGHT, 2006, p. 17).

Em contrapartida, foi grande o esforço da Companhia de Jesus em produzir seus próprios santos; construíram mitos para superar as críticas. Grande exemplo foi o enaltecimento do primeiro missionário jesuíta, também um dos fundadores da Companhia, Francisco Xavier (1506-1552). Após sua morte, em 1552, as partes de seu corpo se espalharam pela Europa, tomadas como relíquias. Tais esforços não foram em vão, pois no ano de 1622 a Companhia de Jesus tinha canonizado seu primeiro santo: São Francisco Xavier (WRIGHT, 2006, p. 11-21).

Trata-se de um sentimento universal e quase permanente:

(...) podemos, pois, classificar o antijesuítismo como um fenômeno originário, universal e quase permanente. Originário porque remonta à gênese da *Societas Iesu* começada a constituir-se na década de 30 do século XVI e aprovada pelo Papa Paulo III em 1540; universal porque assistimos à sua manifestação em todos os cenários onde os Jesuítas desenvolvem uma acção mais ou menos consistente com visibilidade e impacto social; e quase permanente porque o antijesuítismo acompanha de forma significativamente fiel a afirmação desta ordem religiosa nos diferentes espaços nacionais, suscitando do lado contrário o filojesuítismo mais devoto que contrabalança aquela reacção hostil. (FRANCO, 2006, p. 304).

Apesar de um importante fenômeno psicológico, como analisa Franco, não se deve desvincular a construção do mito dos jesuítas dos aspectos políticos, sociais, religiosos e culturais. Por essa razão, o embate dos iluministas contra os jesuítas e a consequente contribuição para a formação desse sentimento e imagem negativa devem ser entendidos como embate político, como duas visões de sociedade, duas ideologias e, portanto, duas visões de educação. Ainda que a imagem tenha sua gênese no nascimento da Ordem no século XVI, pode-se afirmar que seu fortalecimento e ênfase se deram no século XVIII.

Mais que originar esse sentimento e o mito negativo dos padres inicianos,

(...) a assimilação das ideias e das imagens que estas produziram em torno dos Jesuítas e a sua cristalização no imaginário social tiveram origem primeiramente nas controvérsias apoloéticas. Estas fecundaram a estruturação do imaginário antijesuítico, que por sua vez se tornou fecundador e reprodutor de novas e sucessivas querelas. (FRANCO, 2006, p. 305).

Análises apaixonadas ou verdadeiros tratados antijesuíticos: essa é a realidade historiográfica com a qual se depara quando se decide iniciar um estudo sobre uma Ordem Religiosa que “foi muito importante, não apenas por testemunhar, mas por moldar a história de cinco séculos e cinco continentes” (WRIGHT, 2006, p. 19). E o moldar pode ser entendido se for entendida a sua ampla atuação, das missões aos colégios, da confissão de príncipes à participação ativa nas decisões políticas.

Os ataques eram direcionados a todas as áreas: sua teologia, sua eclesiologia, sua política, sua moral e sua pedagogia. Entretanto, como logo nos primeiros anos de sua existência a Companhia de Jesus se destacou por sua empreitada educacional, o ensino oferecido pelos jesuítas, bem como seu método de ensino, foi amplamente atacado. A *Monita Secreta* (Instrução Secreta), escrita pelo protestante polonês Hieronim Zahorowski, é um exemplo da literatura antijesuítica. Escrita no século XVII, em 1614, ajudou a construir a imagem dos padres jesuítas como interesseiros, amorais, laxistas e professores da amoralidade.

Essa construção, iniciada no século XVI e que perpassou o século XVII, foi reforçada no século XVIII com as críticas tecidas pelos iluministas. A repercussão da visão que relacionava a educação ofertada pelos jesuítas ao atraso econômico e político de alguns países ecoou por toda a Europa. O exemplo mais marcante dessa repercussão foi a expulsão do Reino Português (1759) e sua extinção pelo papado em 1773. Houve também, nesse mesmo século, na Europa, alterações acaloradas tanto no meio intelectual quanto político sobre a atuação dos padres jesuítas.

Os ataques se intensificaram no século XIX, capitaneados pelos revolucionários (ou simpatizantes da Revolução) após a Restauração da monarquia na França e pelos positivistas. Ecos do antijesuítismo de extração positivista podem ser encontrados na maior parte dos manuais de história da educação e também na historiografia brasileira. Ao analisar o verbete da Enciclopédia, serão consideradas determinações mais amplas, uma vez que este texto parte do pressuposto de que a disputa entre esses dois projetos pedagógicos – iluminista e jesuítico - representa a luta pelo domínio na forma de pensar a sociedade, a economia, a política e a cultura nesse século.

A Ilustração, entre outras ideias, defendia a laicização do Estado e de todas as suas instituições.

Nascida na França, essa corrente foi rapidamente e amplamente difundida por toda a Europa e para além-mar, no caso do Brasil, com o despotismo esclarecido de Marquês de Pombal, que resultou na expulsão dos inicianos do Brasil no ano de 1759. Os pensadores iluministas foram representantes das ideias que no final do século seriam o sustentáculo para a revolução burguesa de 1789 na França. Uma das formas de divulgação dessa filosofia foi reunir em um único livro todos os temas científicos da época. Assim, nascia um projeto ambicioso: a *Encyclopédie*.

O projeto idealizado por Diderot e D'Alembert contou com muitos colaboradores e pode ser considerado uma obra perigosa:

Não se tratava meramente de uma coleção, em ordem alfabética, de informações a respeito de tudo; a obra registrava o conhecimento segundo os princípios filosóficos expostos por D'Alembert no Discurso Preliminar. Embora reconhecesse formalmente a autoridade da Igreja, D'Alembert deixava claro que o conhecimento provinha dos sentidos, e não de Roma ou da Revelação. O grande agente ordenador era a razão, que combinava as informações dos sentidos, trabalhando com as faculdades irmãs, memória e imaginação. (DARNTON, 1996, p. 17-18).

Segundo o projeto de digitalização da Universidade de Chicago, o *ARTFL Encyclopédie database*, a Enciclopédia conta com 28 volumes publicados entre os anos de 1751 e 1772. Contém 72000 artigos escritos por mais de 140 colaboradores e teve um enorme impacto na sociedade oitocentista. Serviu como propagadora dos ideais iluministas e buscava contemplar todo o conhecimento humano produzido até então.¹

O anticlericalismo presente no pensamento iluminista era também a luta para enterrar a autoridade que a Igreja ainda possuía na França e em grande parte do velho continente, um resquício do período medieval, sobretudo da estrutura hierárquica feudal. O Iluminismo, mais que uma corrente filosófica, era um projeto de sociedade, que englobava todas as esferas da sociedade e se fundava na razão. Dessa maneira, ainda no discurso preliminar da Enciclopédia, há um gráfico de uma árvore, cujo tronco representava a filosofia e à teologia coube um galho distante ao lado da necromancia: "Diderot e D'Alembert haviam destronado a antiga rainha das ciências, deixando a divindade do lado de fora" (DARNTON, 1996, p. 18).

No tocante à educação formal, o ataque mais direto dos iluministas foi direcionado à Companhia de Jesus, uma vez que era a ordem religiosa que mais dirigia colégios na Europa naquele momento e que, por essa razão, ainda exercia forte influência na formação dos quadros da elite europeia, além de ter ampla atuação nas colônias ibéricas. Tinham influência junto aos reis, às elites, tanto na Europa quanto na Ásia, África e América.

Dessa maneira, não é surpreendente que se verifique no verbete *jésuite* da *Encyclopédie* a personificação de ardis, falsidades e mentiras na figura dos membros da Companhia de Jesus. Percebe-se o esforço em personificar a crítica, uma vez que não há um verbete *Companhia de Jesus*, mas sim *Jesuíta*. O verbete é anônimo, mas há indicações, conforme o *ARTFL Encyclopédie Project*, de que o verbete tenha sido escrito por Diderot, que estudou em um colégio jesuítico.

O texto inicia definindo quem seriam os jesuítas e caracterizando a fundação da ordem pelo cavaleiro Inácio de Loyola aos 29 anos. O primeiro traço de construção negativa está presente no quarto parágrafo: "Décoré du titre de chevalier de Jésus - Christ & de la Vierge Marie, il se mit à enseigner, à prêcher, & à convertir les hommes avec zele, ignorance & succès. *Même ouvrage*" (ENCYCLOPÉDIE, 2010). Interessante notar menção ao perigo dos jesuítas, enunciado pelo próprio papa. O verbete afirma que o próprio Papa Bento XIV, adjetivado no texto como um homem com muitas virtudes, reconheceu o perigo e a serventia dos jesuítas: "Benoît XIV qui avoit tant de vertus, & qui a dit tant de bons mots; ce pontife, que nous regretterons long - tems encore, regardoit cette milice comme les janissaires du saint siége; troupe indocile & dangereuse, mais qui sert bien" (ENCYCLOPÉDIE, 2010). Apesar de desregrados e rebeldes, os jesuítas serviam bem aos interesses da Santa Sé naquele momento: expandir o catolicismo e deter o avanço protestante. Mesmo os iluministas sendo anticlericais, percebe-se o esforço por destacar as perseguições feitas aos jesuítas no interior da própria Igreja, a fim de legitimar essa negação.

O cargo de geral da Companhia também é destacado no verbete. O primeiro Superior Geral foi o próprio Inácio de Loyola, mas o verbete caracteriza como déspotas os padres Lainez e Acquaviva, que assumiram o cargo posteriormente: "Le généralat, dignité subordonnée dans son origine, devint sous Lainez & sous Aquaviva un despotisme illimité & permanent" (ENCYCLOPÉDIE, 2010).

A partir desse trecho, o texto começa ataques diretos à estrutura interna da ordem. Após descrever a organização da ordem, rigidamente hierarquizada e mesmo com o voto de obediência máxima ao papa, quando se trata das decisões relativas à administração interna da Ordem, o verbete afirma que: "Le général seul, même à l'exclusion du pape, peut admettre ou rejeter un sujet" (ENCYCLOPÉDIE, 2010).

Aqui reside talvez o ponto alto da construção de uma imagem negativa expressa no verbete. Há um questionamento sobre quem seriam, afinal, os jesuítas:

Qu'est - ce qu'un *jésuite*? est - ce un prêtre séculier? est - ce un prêtre régulier? est - ce un laïc? est - ce un religieux? est - ce un homme de communauté? est - ce un moine? (ENCYCLOPÉDIE, 2010).

Pode-se perceber uma ironia quando o texto se questiona se eles seriam clero secular, regular, ou, ainda, se seriam eles uma religião ou uma comunidade. Afirma que seriam eles "c'est quelque chose de tout cela, mais ce n'est point cela" (ENCYCLOPÉDIE, 2010). O texto continua dizendo que os jesuítas mantiveram ao longo de sua existência as suas *Constituições* em segredo e que nunca as regras foram compartilhadas com os iniciantes na Ordem. Quanto mais alta a hierarquia dentro da Ordem, mais informação possuiria. Assim, anuncia que o modelo de administração da Ordem é uma monarquia despótica, na qual a autoridade está nas mãos de um único indivíduo, no caso, do Superior Geral da Companhia de Jesus.

Para o verbete, tal estrutura extrapola as questões internas à Ordem e aqui talvez se possa identificar a principal preocupação dessa construção negativa, sobretudo na França Oitocentista: enterrar de vez os resquícios feudais, em especial a força política e econômica da Igreja Católica nos assuntos de Estado, bem como a monarquia como regime de governo. A obediência não se restringe aos membros da Ordem. Os jesuítas pregavam a obediência do povo ao rei e ensinavam aos reis a cega obediência ao papa:

Soumis au despotisme le plus excessif dans leurs maisons, les *Jésuites* en sont les fauteurs les plus abjects dans l'état. Ils prêchent aux sujets une obéissance sans réserve pour leurs souverains; aux rois, l'indépendance des loix & l'obéissance aveugle au pape; ils accordent au pape l'infailibilité & la domination universelle, afin que maîtres d'un seul, ils soient maîtres de tous. (ENCYCLOPÉDIE, 2010).

Além da obediência, reforça a figura despótica do Superior. Sozinho, ele é responsável por tomar todas as decisões:

Nous ne finirions point si nous entrions dans le détail de toutes les prérogatives du général. Il a le droit de faire des constitutions nouvelles, ou d'en renouveler d'anciennes, & sous telle date qu'il lui plaît; d'admettre ou d'exclure, d'édifier ou d'anéantir, d'approuver ou d'improver, de consulter ou d'ordonner seul, d'assembler ou de dissoudre, d'enrichir ou d'appauvrir, d'absoudre, de lier ou de délier, d'envoyer ou de retenir, de rendre innocent ou coupable, coupable d'une faute légère ou d'un crime, d'annuler ou de confirmer un contrat, de ratifier ou de commuer un legs, d'approuver ou de supprimer un ouvrage, de distribuer des indulgences ou des anathèmes, d'associer ou de retrancher; en un mot, il possède toute la plénitude de puissance qu'on peut imaginer dans un chef sur ses sujets; il en est la lumière, l'ame, la volonté, le guide, & la conscience. (ENCYCLOPÉDIE, 2010).

Além disso, o verbete traz a figura do chefe maior da Ordem como:

Si ce chef despote & machiavéliste étoit par hasard un homme violent, vindicatif, ambitieux, méchant, & que dans la multitude de ceux auxquels il commande il se trouvât un seul fanatique, où est le prince, où est le particulier qui fût en sûreté, sur son trône ou dans son foyer? (ENCYCLOPÉDIE, 2010).

Todos os subordinados, provinciais e reitores deveriam escrever cartas detalhando todos os acontecimentos, inclusive as atitudes dos companheiros, "de leurs vices & de leurs vertus" (ENCYCLOPÉDIE, 2010). Coloca a figura do Superior Geral como aquele que detém todos os mistérios da Ordem, como aquele que não obedece ninguém, que possui informações privilegiadas inclusive das famílias reais. Aqui cabe ressaltar que, além do aspecto missionário e do trabalho educacional da Companhia de Jesus, os padres eram também confessores de reis e príncipes, o que os aproximava do poder político. Esta proximidade com o poder é destacada no texto:

Centre où vont aboutir tous les secrets de l'état & des familles, & même des familles royales; aussi instruit qu'impénétrable; dictant des volontés absolues, & n'obéissant à personne; prévenu d'opinions les plus dangereuses sur l'agrandissement & la conservation de sa compagnie, & les prérogatives de la puissance spirituelle; capable d'armer à nos côtés des mains dont on ne peut se défier, quel est l'homme sous le ciel à qui ce général ne pût susciter des embarras fâcheux, si encouragé par le silence & l'impunité il osoit oublier une fois la sainteté de son état? (ENCYCLOPÉDIE, 2010).

Dessa maneira, pode-se observar que o principal ataque diz respeito ao poder temporal que o poder espiritual conferia ao representante máximo da hierarquia da Companhia de Jesus.

Ao analisar com mais cautela a organização interna da Ordem a partir de uma leitura do documento maior no tocante às regras da Companhia, as *Constituições*, bem como o documento que a antecede, as *Deliberações*, pode-se inferir que a rígida e hierarquizada estrutura da Ordem possibilitou sua coerência interna e, por essa razão, manteve uma unidade mesmo com missionários espalhados pelos quatro cantos do mundo:

Começamos, pois, a empenhar-nos com todo o nosso esforço humano. Propusemo-nos algumas questões dignas de cuidadosa consideração e prévia análise. Durante o dia refletíamos e meditávamos sobre elas, aprofundando-as na oração. À noite, cada qual comunicava ao grupo o que julgava mais útil e apropriado, com a intenção de que todos unanimemente abraçassem a posição mais verdadeira, testada e comprovada por razões de maior peso e pelo voto da maioria. (TONER, 1974, p. 21).

As decisões eram tomadas pelo Superior Geral, mas antes eram debatidas. Dessa maneira, a exagerada comparação com uma monarquia despótica do verbete tinha uma intenção de negatificação da imagem dos padres da Companhia de Jesus. Sua organização seria mais um centralismo democrático que um despotismo propriamente dito.²

Outra negatificação presente no verbete é expressa na afirmação de que um aspecto “bizarro” do regime da Companhia de Jesus era o incentivo de que um membro denunciasse o outro em caso de desobediência. O verbete mostra também a expansão da Companhia de Jesus. Além das terras europeias, destaca a atuação nas colônias na América, na África e na Ásia como sendo turbulenta, ambiciosa e ironiza finalizando que eles pensavam ser destinados a comandar o universo.

Por fim, o texto apresenta uma sucinta cronologia desde a fundação até a supressão da Ordem na França, demarcada entre os anos de 1547 e 1761. Destaca o momento de expulsão dos reinos da Bohemia, de Portugal, da Moravia e enfatiza que os jesuítas proliferaram a discórdia nos Estados onde se fizeram presentes, especialmente com sua doutrina do poder infalível e universal do papa.

Em um momento de consolidação das ideias iluministas, no século XVIII houve a intensificação da luta contra a monarquia e contra a Igreja Católica, sobretudo na França. A imagem negativa dos jesuítas tinha o intuito de acabar com uma importante influência que extrapolava os limites de um poder somente religioso. Por essa razão, a visão negativa apresentada representa mais que o embate entre os republicanos iluministas franceses e a Igreja Católica, mas sim o embate direto com uma ordem que, mesmo no interior da Igreja, não era apreciada unanimemente desde a sua fundação. Assim, a atuação política dos padres jesuítas representava ameaça não somente para os iluministas, mas para a própria Igreja Católica.

O verbete reforça o caráter misterioso da Companhia de Jesus e sugere que se trate de uma espécie de conspiração, que ameaçaria inclusive o poder da própria Igreja. Faz isso de maneira especial ao tratar as características do cargo máximo dentro da ordem: o Superior Geral. Personifica nesse cargo características despóticas, violentas e até mesmo chamadas de “maquiavélicas”. Seriam, portanto, um perigo a ser combatido.

Essa visão negativa foi propagada e também construída em toda a Europa e atingiu o além-mar. Talvez o caso de perseguição oficial mais conhecido à Ordem seja o do primeiro-ministro português Marquês de Pombal, fundador do mito da Companhia de Jesus em Portugal (FRANCO, 2006, p. 303). Acusando os jesuítas de serem responsáveis pelo atraso de Portugal, em especial no tocante à educação, expulsou os padres do reino português em 1759.

O embate vai além do aspecto religioso ou psicológico, uma vez que essa construção visava neutralizar o poder e o prestígio político que os padres da Companhia de Jesus possuíam. Sua atuação na educação também foi importante terreno de embates.

Dessa forma, a negatificação da imagem dos padres inicianos, iniciada com a fundação da própria Ordem e no interior da própria Igreja, intensificou-se na medida em que a sociedade moderna foi se consolidando, com seus ideais de desenvolvimento e progresso, sobretudo com o Iluminismo no século XVIII. Superar os resquícios da sociedade feudal era o principal objetivo dos revolucionários da França. Os padres jesuítas foram definidos como representantes de um atraso, sobretudo na educação, vistos como escolásticos (referência ao modelo medieval de pensamento da Igreja), e não como uma ordem moderna.

Assim, a análise que aqui se apresentou tem o intuito de trazer à tona que tal imagem negativa, ou este sentimento antijesuítico, muitas vezes ainda presente nas análises da atuação educacional dos jesuítas, foi resultado de um longo processo de construção e que está cristalizado em parte da historiografia e da educação em todo o mundo. Além disso, reconhecer o significado político, econômico e social desse embate se faz necessário. Essa questão, contudo, ficará em aberto, pois merece análise mais profunda, especialmente da literatura antijesuítica, bem como da historiografia da educação brasileira e portuguesa.

REFERÊNCIAS

ARNAUT DE TOLEDO, C. A.; RUCKSTADTER, F. M. M. Estrutura e organização das Constituições dos Jesuítas (1539-1540). *In: Acta Scientiarum*. Maringá. v. 24. n. 1, 2002, p. 103-113.

CASSIRER, E. **A filosofia do Iluminismo**. Campinas: Editora da Unicamp, 1992.

CHATELÉT, F. (dir.). **O Iluminismo: o século XVIII**. v. 04. Rio de Janeiro: Zahar, 1974. (Coleção História da Filosofia: idéias, doutrinas).

DARNTON, R. **O Iluminismo como negócio: história da publicação da Enciclopédia 1755-1800**. São Paulo, Companhia das Letras, 1996.

ENCYCLOPÉDIE, **ou dictionnaire raisonné des sciences, des arts et des métiers**, ed. Denis Diderot and Jean le Rond D'Alembert. University of Chicago: ARTFL Encyclopédie Projet (Winter 2008 Edition), Robert Morrissey (Ed.), <http://encyclopedie.uchicago.edu/>. Acesso em: 16 jun. 2010.

FRANCO, J. E. O mito dos jesuítas em Portugal. *In*: **Revista Lusófona de Ciência das Religiões**. Ano V, n. 9/10, 2006, p. 303-314.

KREIMENDAHL, L. (Org.). **Filósofos do Século XVIII**. São Leopoldo: Unisinos, 2004.

PROUST, J. **Diderot et l'Encyclopédie**. Paris: Albin Michel, 1962.

ROUANET, S. P. **As razões do Iluminismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

TONER, J. J. **A Deliberação que deu origem aos jesuítas**. São Paulo: Loyola, 1974.

NOTAS

¹ Projeto desenvolvido desde 1982 pela Universidade de Chicago com colaboração do governo francês, a fim de criar uma data-base digital de documentos e obras francesas. O projeto tem como editor Robert Morrissey. Ver mais sobre projeto e sobre a Enciclopédia em: <http://encyclopedie.uchicago.edu/>. Acesso em: 16 jun. 2010.

² Sobre a estrutura da organização interna da Companhia de Jesus, ver mais em: ARNAUT DE TOLEDO; RUCKSTADTER (2002).